

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

FREUD, LAPLANCHE E O *TRATAMENTO* DA FANTASIA

LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

BELO HORIZONTE  
2011

Luciana Cavalcante Torquato

## **Freud, Laplanche e o *tratamento da fantasia***

Monografia de conclusão de curso apresentada à Comissão Examinadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Riva Satovschi Schwartzman

Belo Horizonte  
2010

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia

Monografia apresentada perante a Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof.a. Riva Satovschi Schwartzman

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa Melo Carvalho

---

Prof. Paulo César Ribeiro

Belo Horizonte  
2011

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Riva Satovschi Schwartzman, cuja sabedoria e amor pela clínica tanto me inspiraram.

Ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica – FAFICH/UFMG, aos professores do curso, especialmente à Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho e ao Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro, presenças que marcaram o início de minha pesquisa; aos funcionários da secretaria; aos colegas de *classe*.

À amiga e inspiradora Márcia Alves Andrade da Rocha, por todo cuidado com que sempre se dispôs a me ajudar e por ter me despertado o desejo de estudar psicanálise.

À *mon amie* Mônica de Souza, por sua generosidade e transmissão de conhecimento.

À Ana Maria Fabrino Favato, pelo acolhimento e escuta atenta ao longo desses anos de formação.

A Cristiano Cerqueira Abdanur, meu querido e presente amigo, pela preciosa amizade e pela leitura dos meus textos.

À grande amiga Carolina Campolina Rebello Horta, que sempre me ouvia falar do *andamento* de meus estudos.

Aos meus pais, por terem me deixado como herança o gosto pelo saber e aos meus irmãos.

A João, meu querido companheiro, pela paciência durante minhas ausências, pelo suporte e por cuidar de cada detalhe em minha vida para que essa realização se tornasse possível.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>A FANTASIA .....</b>	<b>9</b>
<b>A FANTASIA EM FREUD .....</b>	<b>11</b>
<b>A FANTASIA EM JEAN LAPLANCHE .....</b>	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>29</b>

## RESUMO

Esta pesquisa revisa a noção de fantasia em Freud e propõe uma apreciação a respeito dessa mesma noção em Jean Laplanche. Procuramos aqui seguir o percurso de Freud na compreensão da noção de fantasia, bem como o desenvolvimento desta mesma noção no autor pós-freudiano, para então discutirmos como os aspectos encontrados nas formulações desses dois autores podem implicar na direção clínica tomada por eles no tratamento psicanalítico.

*A maior parte das pessoas tem a fantasia embotada. O que não as toca diretamente, o que não atinge duramente seus sentidos com sua ponta afiada quase não as excita. Mas se acontece diante de seus olhos, bem perto da sua emoção, ainda que seja algo insignificante, logo desencadeia nelas uma paixão desmedida. Então de certa forma substituem a rara simpatia por uma veemência exagerada e inadequada.*

*(Stefen Zweig. 24 horas na vida de uma mulher)*

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho teve como pivô o desenvolvimento da noção de fantasia em sua relação com a formação dos sintomas histéricos a partir da leitura dos textos freudianos. O interesse pelo tema da fantasia nos acompanha já há algum tempo, desde os primeiros contatos com a teoria psicanalítica, ainda no momento da Graduação em Psicologia. Com o suporte da leitura dos textos do autor francês pós-freudiano, Jean Laplanche, empenhamo-nos na tarefa de elencar novos elementos para essa discussão, a fim de verificar a direção que o analista dá para sua clínica ao optar por essa ou aquela referência teórica acerca da fantasia.

Pretendemos assim estabelecer uma discussão sobre a concepção freudiana e laplancheana da noção de fantasia. Para tanto, iniciamos o estudo a partir de pesquisa sobre o surgimento e a evolução da noção de fantasia na obra de Freud. Em seguida, buscamos apreender o desenvolvimento do termo nos textos de Laplanche, para então verificarmos como a sua apropriação, por estes dois autores, pode influenciar na atuação clínica de cada um.

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, descritivo e analítico, de revisão de literatura e bibliografia, cujo referencial teórico e metodológico é o da Psicanálise, a partir das obras de Freud e Laplanche que abordam o tema da fantasia, dos quais se pretende extrair o alicerce sobre o qual repousa a reflexão acerca desse conceito.

## A FANTASIA

O conceito de fantasia tem fundamental importância para a teoria psicanalítica. Além de atravessar grande parte da obra freudiana, ele marca a inauguração da própria psicanálise.

Segundo Laplanche & Pontalis (2001), o conceito de fantasia encontra sua origem no termo alemão *phantasie*, e designa a imaginação no sentido de um mundo imaginário e seus conteúdos, como no mundo imaginativo dos neuróticos e poetas, por exemplo, e não tanto no sentido filosófico. A utilização do termo em francês, *fantasme*, foi retomada pela psicanálise e se fez mais usual no meio psicanalítico do que o termo alemão, causando, no entanto, um problema conceitual uma vez que a extensão do homólogo francês é mais restrita.

Adotamos aqui a definição usada por Laplanche & Pontalis (2001) de que a fantasia se configura como uma encenação, um roteiro que se passa no psiquismo buscando a satisfação de um desejo que não pode ser satisfeito na realidade. Encontra-se em Nasio uma definição que pode nos auxiliar: “É uma cena, às vezes uma recordação esquecida que, sem ter retornado à consciência, continua ativa. É uma cena em geral inconsciente destinada a satisfazer um desejo incestuoso que não pode se realizar” (NASIO, J-D. 2007, p. 10).

Pensamos a fantasia como a defesa disponível ao *eu* neurótico para refrear o desejo, recalá-lo, de forma a aliviar ou substituir o alívio que o desejo tanto reclama. Configura-se, a nosso ver, como um compromisso entre o *eu* e o desejo insaciado.

Um dos pontos mais importantes do pensamento freudiano, a delimitação da oposição “realidade psíquica” X “realidade material”, liga-se à formulação do conceito de fantasia. Para Freud, o mundo das fantasias seria marcado por uma oposição entre o subjetivo *versus* objetivo, mundo interior *versus* mundo exterior, o que evidencia uma oposição entre o *princípio de realidade* e a *satisfação pela ilusão*. No entanto, vemos que ainda se mantinha uma concepção ambígua sobre a relação de diferenciação entre a fantasia e o mundo real. A gênese do conceito de fantasia na obra freudiana só se faz possível com a entrada do princípio

de realidade, que permite ao inconsciente, herdeiro do princípio de prazer, a separação, por clivagem, originando uma nova forma de pensamento independente da prova de realidade e submetida ao princípio de prazer. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

## A FANTASIA EM FREUD

Além de percorrer grande parte da obra freudiana, a noção de fantasia marca a inauguração da própria psicanálise, evidenciando assim a sua importância teórica e clínica.

A teorização freudiana acerca das fantasias é impulsionada, como veremos adiante, pelo “fracasso” da teoria da sedução. Esse momento de suas elaborações é considerado como ponto de partida da psicanálise, o que atesta a enorme importância da descoberta da fantasia como núcleo central do aparelho psíquico.

Essa noção é teorizada por Freud durante um período que se estende desde os iniciais “Estudos sobre a histeria” (1893-1895/2006) até o ponto em que se alcança uma concepção de fantasia que remete à própria dimensão do sujeito, encontrada no artigo “Bate-se numa criança” (1919/2009), e mais adiante, nos textos da década de 1920, quando da entrada do conceito de pulsão de morte em sua teoria.

Nos “Estudos sobre a histeria” (1893-95/2006) encontra-se o valor que o próprio Breuer concedia às produções imaginárias da paciente Anna O.

Essa moça, cheia de vitalidade intelectual, levava uma vida extremamente monótona no ambiente de sua família de mentalidade puritana. Embelezava sua vida de um modo que provavelmente a influenciou de maneira decisiva em direção à doença, *entregando-se a devaneios sistemáticos que descrevia como seu ‘teatro particular’*<sup>1</sup>. (FREUD, 1893/2006, p.58)

Evidenciou-se, a partir deste tratamento, a relação entre trauma e sintoma. Nesse momento<sup>2</sup>, Freud começou a postular sua teoria da sedução, afirmando que os eventos traumáticos de reais abusos sexuais teriam originado as neuroses. Esses acontecimentos poderiam ser revelados nas cenas infantis de sedução quando a criança, passivamente, tivesse sido abusada pelo adulto sedutor. O trabalho da análise seria chegar às cenas primitivas,

---

<sup>1</sup> Grifos nossos.

<sup>2</sup> Verificar os seguintes textos freudianos que tratam do tema: “Projeto para uma psicologia científica” (1895), “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa” (1896), “A etiologia da histeria” (1896), “Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses” (1906).

percorrendo um caminho indireto através das fantasias. No “Rascunho M” (1897/2006b) lemos em Freud a idéia de “fantasias interpostas” para dizer que algumas cenas seriam diretamente acessíveis pelo método analítico, enquanto que outras somente seriam acessadas por intermédio das fantasias erigidas em frente a elas. Também na “Carta n° 61” (1897/2006), Freud afirma que na histeria tudo remontaria à reprodução das cenas, algumas das quais só por meio das fantasias. E ainda situa essa noção como uma estrutura protetora, uma possível sublimação dos fatos, embelezamento destes.

Ainda na Carta n° 61 a Fliess e, em seguida, no “Rascunho M”, Freud aborda a construção de fantasias inconscientes e indica que as mesmas seriam precursoras dos sintomas. No entanto, vários foram os fatores que levaram Freud, posteriormente, a questionar a legitimidade de sua teoria: a improbabilidade da perversão de todos os adultos, por exemplo, o fizeram desconfiar de que o que ele havia postulado não correspondia à realidade dos fatos. Outro fator decisivo para que Freud reconsiderasse a sua teoria da sedução diz respeito à existência de fantasias nos relatos de suas histéricas sem nenhum vínculo necessário com os fatos de sedução. Outro ponto que chamou a atenção de Freud, neste sentido, refere-se a uma questão “estatística”: se nem todas as pessoas seduzidas iriam se transformar em histéricas, e se o número de histéricas era relativamente grande, seria preciso admitir um número maior ainda de adultos perversos. (RIBEIRO, 2006). Por fim, em sua clínica, Freud nunca conseguiu claramente a rememoração do abuso sexual de forma espontânea e convincente.

Este foi um fator decisivo no percurso histórico da psicanálise. Freud, na “Conferência XXIII: Os caminhos da formação do sintoma” (1916-17/2006), ao questionar sua teoria da sedução, observa que a importância do relato das pacientes não estaria no acontecimento real e que a violência dos traumas estaria ligada a uma marca de natureza sexual impressa no *eu*. De tal forma, as fantasias inconscientes teriam, para o sujeito, o estatuto de realidade. É assim

instituído o conceito de realidade psíquica e a fantasia é enquadrada como núcleo central do aparelho psíquico.

A teoria do trauma cede lugar à fantasia de sedução. O que então é relevante para originar a neurose é o teor fantasístico através do qual o paciente narra a cena “traumática” sexual. Essas fantasias teriam como propósito ajudar o sujeito a dar conta de sua sexualidade infantil, encobrendo a fase auto-erótica da criança.

Ao considerar a fantasia de sedução, a partir do “abandono” da teoria do trauma, Freud se debruça sobre a relevância da narrativa histérica. A noção de realidade psíquica se desenvolve a partir de então, o que é crucial para a solidificação, por assim dizer, da teoria freudiana. As fantasias, mesmo que não se baseiem em acontecimentos reais, têm, para o sujeito, o mesmo valor patogênico inicialmente atribuído às reminiscências. É um momento decisivo, uma vez que Freud legitimou o conteúdo que seus pacientes traziam na análise como real, enxergando a existência de uma sexualidade infantil e a presença de uma instância psíquica que trabalha sob outra ordem que não a consciente e cronológica.

Com o abandono da teoria da sedução, Freud propõe uma nova forma de trabalho na análise de seus pacientes, mas sua crença em um acontecimento primordial atravessa toda a sua obra. Até então, as fantasias apresentavam uma configuração metapsicológica que se mostrava passível de interpretação pelo procedimento analítico. A interpretação se exerceria então na decomposição incessante de produções fantasísticas que, em si mesmas, já seriam interpretações fornecidas pelo sujeito para suas experiências. Decompor as fantasias abrindo espaço para aparecerem os desejos recalcados, baixando a resistência: transformar em consciente o que seria da ordem inconsciente. Esse trabalho mudará a partir da década de 1920, com a entrada do conceito de pulsão de morte e a relativização do valor da interpretação e advento da noção de construção.

Ainda neste período, Freud recorre à filogênese, à noção de fantasia originária que traria em si um valor estruturante. Tais fantasias organizariam a vida fantasmática do sujeito. A cena da sedução, a cena do coito parental e a castração, configuram as cenas clássicas que levaram Freud a formular a teoria das fantasias, buscando naqueles acontecimentos primitivos elementos que resolvessem em seu entendimento os grandes enigmas existenciais com os quais se deparava. Freud observa que essas fantasias seriam recorrentes na análise e teriam uma determinação filogenética – ou seja: em tempos primevos, os ancestrais de nossa espécie passaram por essas cenas e a inscrição psíquica de tais experiências teria sido transmitida aos sujeitos. Dessa forma, a criança, para Freud, fantasiaria quando não fosse capaz de elaborar suas questões pulsionais, buscando naqueles acontecimentos primitivos elementos que pudessem favorecer a construção de suas fantasias. (FREUD, 1916-17/2006).

Percebemos, ao longo da obra freudiana, que a fantasia se configura como um conteúdo latente, que permanece velado atrás do sintoma, podendo ser revelado pelo trabalho da análise. Poderíamos então afirmar que, para Freud, a fantasia deixa de ser somente um material passível de ser analisado, ganhando, também, *status* de resultado da análise?

Em 1900, Freud sustenta a tese de que as fantasias seriam precursoras imediatas dos sintomas histéricos e equipara a sua estrutura à estrutura dos sonhos. Dessa forma, estariam também sujeitas aos processos de condensação e deslocamento. Os sonhos constituiriam uma das vias psíquicas que possibilitariam, de forma distorcida, falseada ou inexata, a realização de desejos inconscientes. A fantasia, por sua vez, é o que do sujeito sustenta esses desejos que, relacionados às imagens infantis, lutam por conseguir se expressar.

Em 1908, Freud refere-se novamente à fantasia como realização de desejos oriundos de experiências passadas. As fantasias históricas seriam conscientes ou inconscientes e, neste último caso, poderiam ser patológicas e expressas através dos sintomas e teriam estreita relação com a vida sexual do sujeito. Para Freud, no momento em que as fantasias se

tornavam exageradamente profundas, estaria instaurada a condição para o desencadeamento da neurose ou psicose. As fantasias seriam ainda precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas que afligiam os pacientes.

A fantasia ainda é pensada em sua articulação com o recalque: quando a fantasia fosse “esquecida”, restaria ao sujeito buscar outras formas de destinação da sua libido. Se isso não acontece e o sujeito permanece abstinente, instala-se então a possibilidade de que a idéia recalçada retorne sob a forma de sintoma patológico. (FREUD, 1907-08/2006)

Mais adiante, em seu trabalho sobre o “Homem dos Lobos”, Freud segue aproximando a fantasia da teoria dos sonhos e defende ainda a realidade da cena primitiva e, em 1915, retorna à questão das fantasias inconscientes considerando-as etapas preliminares dos sonhos e dos sintomas neuróticos. (FREUD, 1915/2006)

Ao utilizar o mesmo termo, *phantasie*, durante toda sua obra, Freud chamou atenção para a existência de um mesmo conteúdo e organização em formações imaginárias e em estruturas psicopatológicas muito diversas. Mais importante do que diferenciar fantasias conscientes, pré-conscientes e inconscientes seria apontar para um conteúdo único entre todas elas: a satisfação de desejo.

Em 1919, no texto “Bate-se numa criança”, Freud se detém na análise de uma fantasia especial que estaria na estrutura da neurose: a fantasia de espancamento. O autor enfatiza que o início desta fantasia pertence a um período preliminar da infância e que, provavelmente, ela sofreu um processo de desenvolvimento e restou como resíduo. Indica-nos, de tal forma, que essa fantasia está ligada a sentimentos de satisfação, mas, por gerar culpa e vergonha, é confessada com muita hesitação. O caráter masoquista da fantasia fundamental é ainda marcado neste texto de 1919. Ao invés de ser pensada como tamponamento e realização de desejo, a fantasia traz consigo a marca da pulsão de morte. Discutindo a origem do masoquismo, Freud apresenta três fases da fantasia de espancamento que podem ser

compreendidas como três variações da frase “Bate-se numa criança”, sendo que cada uma dessas sentenças teria por função encobrir o conteúdo recalcado da vida sexual da criança: fosse através de mudanças sintáticas da frase ou do seu ocultamento no inconsciente.

Em sua experiência analítica, Freud discute outro caráter importante da fantasia: ela realiza, sem realizar, um desejo. Observemos os três tempos da fantasia de espancamento:

1. “Bate-se numa criança” (uma criança é espancada): nota-se que a criança espancada nunca é o próprio autor da fantasia. Freud então afirma não se tratar de uma cena masoquista. A identidade de quem bate é ainda obscura, mas já se revela como um adulto e geralmente é o pai da criança.

2. “Estou sendo espancada pelo meu pai”: aqui a criança que apanha coincide com a autora do relato. Freud toma esse tempo considerando a emergência do masoquismo. O adulto que bate é o mesmo do primeiro tempo. Essa cena, para Freud, nunca é consciente, mas uma construção da análise, de fato necessária.

3. “Provavelmente eu estou olhando”: adulto e criança são substituídos por equivalentes e o autor é quem presencia a cena. Freud percebe a presença de uma excitação sexual masturbatória com caráter sádico manifesto.

Vemos no segundo tempo, a fantasia substituir, sem realizar, o sadismo recalcado, apesar de ela mesma ser masoquista. Na terceira fase, o autor obtém o prazer como espectador, observando e tendo prazer sádico ao ver seu pai – ou substituto - espancando outra criança. Freud toma essa outra criança como seu duplo, uma vez que o substitui na configuração da cena do tempo anterior. Isso faz com que a fantasia do terceiro tempo seja também essencialmente masoquista.

Entendemos que num primeiro momento da teorização freudiana, por terem uma configuração metapsicológica específica, tal como vimos anteriormente, as formações fantasísticas se apresentavam como estruturas passíveis de interpretação pelo procedimento

analítico. De fato, a interpretação se exerceria justamente na decomposição incessante de produções fantasmáticas que, em si mesmas, já seriam interpretações fornecidas pelo sujeito para as suas mais diversas experiências. Neste sentido, a clínica psicanalítica freudiana operaria na decomposição dos elementos presentes no discurso fantasmático do sujeito, a fim de abrir espaço nas significações imbricadas na cadeia de trilhamentos, buscando conceder devida expressão aos desejos recalçados. Através da destruição de uma determinada produção fantasmática, uma outra fantasia pode ser recomposta.

No entanto, alguns impasses clínicos – a compulsão à repetição, por exemplo- fizeram com que Freud, a partir da década de 1920, reestruturasse a sua metapsicologia rumo à valorização das tendências situadas para além do princípio do prazer. Freud (1920/2006) toma o conceito de pulsão de morte em sua radicalidade, o que acarretou um importante deslocamento teórico-clínico e na conseqüente reformulação de vários conceitos e figuras da metapsicologia freudiana.

Uma nova concepção da atividade fantasmática começa a ser pensada: para além de sua vertente pulsional, também levava em conta suas conexões com as tendências psíquicas situadas para além do princípio do prazer e do jogo do recalque/retorno do recalçado.

Quais são as conseqüências dessa descoberta para a clínica psicanalítica? Poderíamos afirmar que a entrada da pulsão de morte não apenas modificou o estatuto da fantasia, mas retirou a noção de fantasia do centro da psicanálise? Ou, de modo contrário, devemos entender que o caráter mortífero da fantasia introduziu o conceito de pulsão de morte como um operador teórico, mas que a escuta da fantasia permaneceu como o principal instrumento para o ofício do analista?

Freud toma o recurso da “construção em análise” que será utilizado quando, diante da insistência pulsional, a interpretação se tornar vacilante. (FREUD, 1937/2006). Com a entrada da pulsão de morte na teoria, fica radicalizada a impossibilidade de levar adiante a proposta

de vencer as resistências para trazer à consciência a totalidade do material recalado. Eis o fracasso da interpretação ante a insistência da intensidade pulsional.

## **A FANTASIA EM JEAN LAPLANCHE**

Em seu texto que analisa a noção freudiana de fantasia originária, Laplanche & Pontalis (1985) observam que a importância da teoria da sedução freudiana recai no fato de ela ser a única tentativa desse autor de estabelecer uma relação entre o recalque e a sexualidade e ainda enunciar que a sexualidade irromperia de fora para dentro. Outra importância da teoria freudiana lembrada pelos autores é que a mesma conferia exclusivamente à sexualidade a capacidade de induzir o processo de defesa, de produzir o recalque.

Laplanche, no entanto, considera que a passagem freudiana de teoria da sedução para fantasias de sedução marca um “extravio” em sua teoria que seria particularmente biologizante. Para o autor, a partir do momento em que Freud atribui a origem da histeria à fantasia gerada internamente no sujeito, ignorando o fato da sexualidade advir do outro – como fizera anteriormente, sua teoria apresenta uma concepção endógena da sexualidade, como se a fantasia fosse algo que brotasse espontaneamente do interior do sujeito. O recurso à filogênese para explicar a origem da fantasia é repreendido por Laplanche. Para o autor, Freud teria abandonado sua teoria da sedução por não ter percebido que as fantasias não teriam esse caráter endógeno e biológico, mas que seriam um resíduo da inoculação da sexualidade pelo outro. (RIBEIRO, 2006).

A teoria da sedução generalizada proposta por Laplanche vem como proposta para recuperar a teoria da sedução freudiana. Na visão de Laplanche (1992), a sedução não seria um acontecimento fortuito, mas aquilo que possibilitaria pensar as origens de um sujeito psíquico naquilo que ele tem de universal – permitindo ressignificar o problema da fantasia originária tal como proposto por Freud, o que favorece uma saída para a oposição subjetivo/objetivo, fantasia/realidade.

Na origem da fantasia, situação originária, opera o confronto entre mundo infantil e o mundo adulto. É aí que reside o caráter de universal da fantasia – que aparece na emergência dos sentimentos sexuais da criança. (LAPLANCHE,1992)

Analisando a idéia de trauma, Laplanche (1992) o concebe como uma questão de defasagem: o despreparo da criança em seu estado infantil das funções psíquicas e sexuais, face à complexidade do psiquismo adulto. Nesse mesmo texto, Laplanche observa que é na emergência de sentimentos sexuais na criança e, também, no confronto do mundo infantil com o mundo do adulto, que reside o caráter de universalidade das fantasias. A questão originária é definida como a relação entre um adulto que sofre sua própria clivagem e uma criança que precisa adaptar-se ao mundo dos adultos. O autor ainda localiza o papel de trauma exercido pela linguagem na medida em que o ser que fala à criança, por estar sujeito ao inconsciente, ignora o sentido daquilo que fala. Assim, Laplanche enfatiza que é nesse confronto entre adulto e criança, fundamentado na diferença da linguagem, que se instala a sedução originária.

Em seu texto “A tina” (1993), Laplanche observa a posição de alguns analistas, inclusive do próprio Freud, de praticar o uso “irrefletido” da oposição fantasia/realidade fatural. O autor relembra ainda o fascínio de Freud ao tentar encontrar o que *realmente* teria se passado com o paciente. Temos como exemplo o caso do “Homem dos lobos”, no qual Freud pesquisava minuciosamente o que havia de objetivo e causal na cena primitiva. Para Laplanche, tal posição historicista, ainda adotada por psicanalistas atuais, coloca-se como um problema na medida em que escapa à regra fundamental da psicanálise. Essa posição ingênua deixaria ao analista, segundo o autor, as opções de orientar-se por um dos dois termos: ora concebendo a análise como uma retificação do imaginário pelo real, ora valorizando absolutamente a fantasia, e então a análise seria concebida como um “mergulho sem volta” no mundo fantasístico. (LAPLANCHE, 1993)

Na tentativa de compreender o modo de instauração ou quais seriam os critérios para criação do limite do espaço psicanalítico, Laplanche retoma a oposição fantasístico/real. Para ele, a dificuldade de se pensar essa questão só se resolveria com a introdução de uma categoria apresentada por Freud: a realidade psíquica. “Por esse terceiro tempo, é introduzida a idéia de que, ao lado da fantasia –isto é, no que teoricamente se opõe à realidade material-, existe uma espécie de núcleo duro, tão resistente quanto a realidade material.” (LAPLANCHE, 1993, p.70)

Segundo Laplanche, Freud se preocupa imensamente em restituir, na análise, todo o passado do paciente. “Freud apaixonou-se pelo estatuto de realidade da cena primitiva, por todos os meios de verificação à sua disposição”. (LAPLANCHE, 1993, p.73). Adiante, Laplanche questiona-se a respeito da eficácia da análise: estaria ela em diferenciar na situação analítica o real do imaginário?

No entanto, voltando ao texto do próprio Freud, considerando alguns de seus artigos, Laplanche (1993) chama a atenção para uma atitude do autor que não aquela discriminativa, mas uma escuta no mesmo plano, que não intenta discriminar real e imaginário nas recordações trazidas pelos pacientes. Nesse momento Laplanche retoma a assertiva de que “no inconsciente, não há índice de realidade” para dizer que no inconsciente tudo estaria no mesmo plano de realidade, uma vez que o psicanalista não deve conceder um valor diferente àquilo que é trazido na sessão como lembrança, acontecimento, fantasia.

As fantasias, assim como os mitos, assumem, para Laplanche, uma função de proporcionar à criança uma representação para seus enigmas – lembramos aqui dos enigmas do coito parental, o nascimento de um irmão e a diferença entre os sexos – que culminarão nas teorias sexuais infantis. Segundo o autor, a sedução originária pode ser definida como “esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes.”

(LAPLANCHE, 1988, p.119). É a própria sexualidade infantil oral, anal, genital recalcada do adulto que é reativada pela situação de desamparo em que a criança se apresenta. Tais significantes, denominados significantes enigmáticos, sugerem a existência de algo que precisa ser compreendido pela criança e sobre o qual ela é impelida a teorizar.

Laplanche volta ao texto freudiano que discorre sobre a teoria da sedução na tentativa de retomar essa noção em sua radicalidade e fundamentá-la sob seu ponto de vista. Em seu texto “Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada” (1988), o autor critica o aspecto da teoria freudiana na medida em que a mesma combina o “biologismo da pulsão e a antropofilogênese das fantasias” (LAPLANCHE, 1988, p. 116).

Em “Novos fundamentos para a psicanálise” (1992), a teoria da sedução generalizada ainda aborda em sua estrutura os efeitos da “cura” analítica e seus limites. Laplanche discorre sobre a transferência e situa a análise como um processo de interpretação e construção que deve ser restituído, lembrando ainda que o sujeito é, por natureza, auto-interpretante. Para Laplanche, todavia, não existiria uma cena ou fantasia derradeira e fundamental que resolveria o problema da análise. O tratamento, no entanto, é concebido, pelo autor, como uma re-atualização da situação originária, já que a psicanálise teria esse efeito de reinstalar a situação originária de sedução, uma vez que os gestos, a atitude psíquica seriam capazes de produzir, de fato, uma sedução. (LAPLANCHE, 1988)

Laplanche (1992) defende que a sua forma de ler a teoria da sedução em sua amplitude, inserida no confronto entre o mundo infantil com o mundo adulto, traz implicações clínicas importantes: a aplicação da teoria da sedução não pode mais se restringir a casos psicopatológicos, por exemplo, uma vez que agora a sedução é universal e se refere à chegada da criança em um mundo habitado pela linguagem. Além disso, discorre sobre uma forma de pensar a existência do inconsciente, seu efeito pulsional e as possibilidades e limites do tratamento. Segundo o autor, o analista deve provocar a transferência, na medida em que

reinstala a situação de sedução originária, ou seja, propõe um diálogo em que predomina uma defasagem, uma dissimetria na linguagem analista/paciente, tal como ocorre entre adulto/criança. Vê-se, facilmente, que tal diálogo facilita o surgimento de fantasias. Mas o que o analista deve fazer com as fantasias que surgem? Interpretá-las na relação transferencial? Ou, para Laplanche, o psicanalista deve assumir a tarefa de identificar as fantasias que estão veladas por detrás das produções do inconsciente – sonhos, sintomas, por exemplo?

Para Laplanche, o tratamento analítico consistiria em uma questão de re-instauração da situação originária, no sentido de desenvolver a sedução do enigma no espaço da análise.

Ainda com relação ao processo terapêutico, Laplanche chama atenção para os termos interpretação e construção. Considerando o fato de que o sujeito é um ser auto-interpretante, auto-teorizante e auto-simbolizante, Laplanche chama a atenção ao dizer que qualquer simbolização não se faz do nada, mas que cada roteiro pode ser construído no momento privilegiado do tratamento. O autor relembra Freud ao afirmar que a interpretação seria aquilo que ajudaria a reconhecer os significantes que emergem no tratamento, de maneira pontual, enquanto a construção seria essa reconstrução que o próprio sujeito faz de sua história, criando para si novos romances. “Evidentemente é aqui que recuperariam um lugar ‘as fantasias originárias’, uma vez admitido o fato de que esses esquemas fantasísticos não são nem transmitidos de modo genético, nem constitutivos do núcleo do inconsciente” (LAPLANCHE, 1992, p. 173)

Com relação ao fim de análise, Laplanche afirma que o tratamento analítico é infinito: a auto-interpretação do sujeito é infinita, mas o término da análise pode ser pensado em termos de uma transferência da própria relação transferencial com o analista. Dito de outro modo: o término da análise estaria relacionado à transferência da transferência para um outro lugar – transcendência da transferência. No entanto, Laplanche nos lembra que localizar o

preciso momento para tornar possível essa transferência não é tarefa das mais fáceis para um analista.

Laplanche utiliza o modelo da tina para fazer da psicanálise um lugar de concentração daquilo que molda a ação do homem: o amor e o ódio. A transferência é concebida como o retorno ao lugar de enigma: uma sedução que permita elaborar os enigmas originários do sujeito. (LAPLANCHE, 1988)

Um dos objetivos do processo analítico seria recolocar em jogo o conflito originário, o que geraria o jogo de forças entre o ego e o seu outro interno. Isso é feito pela própria situação analítica e sua transferência: dessa forma, a análise é concebida como possibilidade de des-tradução. Melhor dizendo: o trabalho de des-tradução proposto por Laplanche, implica em uma desconstrução dos mitos e ideologias que outrora o ego construiu para enfrentar os enigmas. (LAPLANCHE, 1998)

Conforme vimos anteriormente, o trauma teria para Laplanche a função de fundar a constituição do aparelho psíquico, uma vez que seriam as reações ao trauma – da sedução pelo adulto, por exemplo, lembrando que aqui sedução tem o caráter de enigma, de transmissão de mensagens enigmáticas – que constituiriam as instâncias psíquicas. Desse modo, o que acontece em uma análise diz respeito ao modo como o sujeito se defende do trauma, valendo-se de diversos mecanismos para isso. A análise se prestaria a estimular a dissolução egóica e enfraquecer seus mecanismos, uma vez que o ego é compreendido em seu próprio caráter de sintoma. (RIBEIRO, 2006). Nesse processo de “combate ao eu”, podemos pensar então nas fantasias como um mecanismo possível que estaria a serviço da recomposição do sujeito diante de uma possível e desejável “desorganização” ocasionada em função do tratamento analítico. Se o trabalho do processo analítico é ajudar a desconfigurar os mitos e fantasias que o ego cria para si diante do enigma, pensamos que uma nova fantasia deve ser criada, elaborada para que o sujeito possa dar conta de recontar sua história,

reelaborar essas mensagens enigmáticas de uma outra forma, sem, no entanto, quedar-se totalmente desamparado de uma significação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que Freud se depara, no tratamento de suas pacientes histéricas, com uma realidade que não poderia ser tomada como factual, mas psíquica, a fantasia passa a ser compreendida como um conceito de fundamental importância no escopo da teoria psicanalítica.

Tomaremos aqui a evolução da clínica freudiana a partir do conceito de transferência tal como pensado por Freud para, a partir disso, abordarmos a noção de fantasia ao longo desse processo.

Primeiramente, vemos que para Freud a transferência é pensada em termos de uma transferência de afetos que deveria ser tomada como parte do tratamento, cujo efeito seria uma resistência à rememoração. Estamos aqui falando do tratamento das pacientes histéricas, ainda no início das formulações psicanalíticas. A transferência, então concebida como “falsaligação” no caso Anna O., toma novo aspecto a partir da análise do caso Dora, quando Freud passa a concebê-la como uma atualização das imagens parentais na sessão analítica. (FREUD, 1901-1905/2006)

A partir do texto “A dinâmica da transferência” (1912/2006), a dimensão da repetição e da resistência passam a compor a concepção freudiana da transferência. A reedição de padrões ligados aos afetos da primeira infância passa a ser vista como condição propiciadora da análise.

Adiante, no texto de 1915 “Observações sobre o amor transferencial”, Freud enfatiza algumas hesitações com relação ao manejo transferencial, ao situar a transferência como uma repetição dos complexos infantis, como instrumento de sugestão possível ao analista, e também como resistência à análise – considerando a transferência erótica.

A técnica freudiana desse período, considerando os textos citados entre 1910 e 1920, está centrada em torno da associação livre como o artifício possível ao analista em promover a emergência dos afetos inconscientes do analisando e, principalmente, de suas fantasias. Nesse momento, a interpretação é o recurso para a transformação das repetições inconscientes em recordações conscientes, trabalho esse que será feito com relação às produções fantasísticas. Vemos que a excelência da função do psicanalista se baseava em possibilitar o rebaixamento do recalque a partir do manejo da transferência.

No entanto, a partir do texto “Além do princípio do prazer” (1920/2006), a interpretação perde seu lugar, uma vez que com a descoberta da compulsão à repetição fica evidente que há algo impossível de ser recordado. Fica impossibilitada a técnica de tornar consciente o inconsciente através da interpretação.

A partir dessa virada na clínica, com a introdução do texto de 1920, a fantasia não poderia mais ser abordada pelo analista como um devaneio inconfessável, mas como uma reconstrução a ser traçada em análise. A transferência agora passa a envolver um manejo também dos afetos: o analista não mais se apresenta como um ser isento desses afetos, uma vez que, com a entrada da pulsão de morte, algo que não é passível de recordação e ligado aos afetos se impõe à clínica. É neste novo contexto que a fantasia será trabalhada.

Laplanche retoma a noção de transferência para enunciar que algo desconhecido tanto pelo analista quanto pelo analisando deve emergir na análise. É neste sentido que a alteridade deve ocorrer na clínica. O analista, como condutor do processo, deve permitir que esse desconhecido venha de alhures e seja capaz de acolher isso que é trazido pelo analisando, ou seja, deve manter uma certa disposição para o inesperado. Dessa forma, o que é transferido é a alteridade. Ao analista caberia manter uma abertura ao enigma que é inerente à alteridade. (BELO, 2003)

As noções laplancheanas de transferência em pleno e transferência em oco remetem justamente a essa questão: a transferência em oco pressupõe uma posição passiva do analista perante o inconsciente do analisando. Assim ele é “guardião do enigma” na medida em que é capaz de ser invadido pelo enigma que o analisando lhe transfere sem saber. As intervenções, segundo Laplanche, devem ser baseadas nas vicissitudes e nas surpresas de sua afetação pelo analisando. (LAPLANCHE, 1993).

Retomando o conceito de fantasia em Laplanche, acompanhamos o texto em que este autor comenta a fantasia masoquista partindo do artigo freudiano “O problema econômico do masoquismo”. Segundo Laplanche, a fantasia masoquista é o que se apresenta como a expressão libidinal de uma conjunção originária entre a invasão pelo outro e a excitação sofrida. É a partir da fantasia que essa invasão se torna sexual. A sedução originária implicaria a formação de fantasias que, por sua vez, fundam o inconsciente, relacionando-se com o recalque originário. (LAPLANCHE, 1999). Se o sexual surge com a primeira representação da unificação corporal, ou seja, com a fantasia masoquista e auto-erótica - que é a primeira tradução da invasão sedutora originária -, pensamos que não podemos, em Laplanche, pensar a fantasia como um mecanismo de defesa, uma vez que as próprias fantasias masoquistas, ao evocarem a cena sexual, fazem vir à tona elementos desagradáveis para o sujeito, submergindo o sexual, algo penoso de suportar.

Tendo em vista todo o percurso teórico e clínico dos autores discutidos, vemos que, mesmo partindo dos textos freudianos, Laplanche retoma a noção freudiana da fantasia, mas acrescenta vários elementos a essa discussão produzindo, por assim dizer, um “mais além da fantasia”.

## BIBLIOGRAFIA

1. BELO, Fabio. A primazia da alteridade: interlocuções entre a psicanálise e o pragmatismo. Belo Horizonte: Fafich. 2003. Dissertação de Mestrado.
2. FREUD, S. (1893-1895/2006) Estudos sobre histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. II.
3. \_\_\_\_\_. (1895/2006) Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_.V. I
4. \_\_\_\_\_. (1896/2006) Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_.V. III
5. \_\_\_\_\_. (1896/2006) A etiologia da histeria. In: \_\_\_\_\_.V. II
6. \_\_\_\_\_. (1897/2006a) Carta 61. In: \_\_\_\_\_. V. I
7. \_\_\_\_\_. (1897/2006b) Rascunho M. In: \_\_\_\_\_. V. I
8. \_\_\_\_\_. (1897/2006c) Carta 69. In: \_\_\_\_\_. V. I
9. \_\_\_\_\_. (1901-1905/2006) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: \_\_\_\_\_.V. VII
10. \_\_\_\_\_. (1905/2006) Personagens psicopáticos no palco. In: \_\_\_\_\_. V. VII
11. \_\_\_\_\_. (1906/2006) Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses. In: \_\_\_\_\_.V. VII
12. \_\_\_\_\_. (1908 [1907]/ 2006) Escritores criativos e devaneios. In: \_\_\_\_\_.V. IX.
13. \_\_\_\_\_. (1908/2006) Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: \_\_\_\_\_.V. IX.
14. \_\_\_\_\_. (1912/2006) A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_.V.XII
15. \_\_\_\_\_. (1914/2006). Historia de uma neurose infantil. In: \_\_\_\_\_.V. XVII
16. \_\_\_\_\_. (1915/2006) O inconsciente. In: \_\_\_\_\_.V. XIV
17. \_\_\_\_\_. (1915/2006b) Observações sobre o amor transferencial. In: \_\_\_\_\_. V. X  
II
18. \_\_\_\_\_. (1917 [1916]/ 2006) Os caminhos da formação dos sintomas. In: \_\_\_\_\_.V. XVI.
19. \_\_\_\_\_. (1919/2006). Bate-se numa criança. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. V.XIV.
20. \_\_\_\_\_. (1920/2006) Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_.V. XVIII
21. \_\_\_\_\_. (1924/2006) O problema econômico do masoquismo. In: \_\_\_\_\_. V. XIX
22. \_\_\_\_\_. (1937/2006) Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. V. XXIII

23. \_\_\_\_\_. (1937/2006) Construções em análise. In: \_\_\_\_\_. V. XXIII
24. LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552 p.
25. \_\_\_\_\_. *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1985. 99p.
26. LAPLANCHE, Jean. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
27. \_\_\_\_\_. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
28. \_\_\_\_\_. *A tina: a transcendência da transferência*. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
29. \_\_\_\_\_. *Objetivos do Processo Psicanalítico*. Trad.: Pedro H. B. Rondon. *Cadernos de Psicanálise*. SPCRJ, v. 14, n. 17, 1998.
30. \_\_\_\_\_. *Masochisme and the general theory of seduction*. In *Essays on oherness*, Londres: Routledge, 1999..
31. \_\_\_\_\_. *Dos dimensiones clinicas: sintoma y fantasma*. Buenos Aires, Ed. Manantial, 1983.
32. MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 2005.
33. NASCIMENTO, M. B. *Alienação, separação e travessia da fantasia. Opção lacaniana*. N. 1., v. 1, 2010. Disponível em [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Alienação separação e a travessia da fantasia.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Alienação_separação_e_a_travessia_da_fantasia.pdf). Acesso em 10/06/2010.
34. NASIO, J-D. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
35. NOBUS, D. *Teorizando a comédia dos sexos: Lacan e a sexualidade*. In: BURGOYNE, B.; SULLIVAN, M. (Org.). *Dialogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. P. 143-169.
36. RIBEIRO, P. C. *O analista como guardião do enigma: a visão de Jean Laplanche*. In: CARVALHO, A.C; FRANÇA, C.P. (Org.). *Estilos do xadrez psicanalítico: a técnica em questão*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago: Imago, 2006, v. 1, p. 51-64
37. ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 874 p.
38. ZWEIG, Stefan. *24 horas na vida de uma mulher*. Porto Alegre: LPM, 2007. 107 p.
39. TOLEDO, M. R. *A fantasia e suas implicações na clinica*. Dissertação de Mestrado. 2003. PUC-Rio.